



A EDUCAÇÃO COMO APOSTA PARA INVENÇÃO DO AMANHÃ: ENLACES ENTRE MEMÓRIA, JUVENTUDE E UTOPIA

Lisiane Ligia Mella

lisiane.mella@ufp.br

Buscamos, neste estudo, evidenciar a educação como uma possibilidade para conjecturar amanhã através do olhar da juventude e da utopia, lançando outras leituras, metáforas e aberturas que vão, tal como um farol, fazendo luz e posicionando contrafluxos às lógicas autoritárias e tecnicistas de educação em curso no Brasil e no mundo. Este trabalho é um recorte vinculado à tese de doutorado em educação na linha de pesquisa de Políticas Educacionais que tem como objetivo compreender as narrativas de jovens estudantes da terceira série do Ensino Médio de escolas da região norte do Rio Grande do Sul tomando como base seus territórios escolares. Buscamos, neste estudo, situar o segundo capítulo da tese em andamento, conjecturando a educação como aposta para transformação social.

Colocamos em questão uma perspectiva da educação que não é tão somente aquela que nos introduz em universos outros de saberes e de aberturas corajosas rumo ao ato de aprender-e-ensinar e de ensinar-e-aprender. Abrimos como interrogação uma dimensão de educação que, por meio de tais experiências educativas, se coloca em movimento pela potência do sonho, da juventude e do desejo de criação e de invenção da vida através daquelas e daqueles que a tomam em suas mãos para ressignificá-la, transformá-la: eis aí uma utopia a reforçar a esperança corajosa de outros amanhã.

Tecemos as linhas que seguem a partir de três enlaces principais. Abrimos o primeiro enlace do estudo com uma questão: de que educação estamos falando? De onde partimos para pensar a educação? Nesse momento do percurso, buscamos explorar o universo da escola como potência para fazer emergir outras leituras de mundo e transformações, suspendendo as certezas, a burocratização a engessar o ato de ensinar e aprender e saberes dominantes que alienam e atrofiam a capacidade crítica de reconhecer a si, ao outro e ao mundo. Autores como Masschelein e Simons (2021), Gert Biesta

(2017), Paulo Freire (2019b) e Carlos Rodrigues Brandão (2021b) nos auxiliam a desdobrar tais sentidos, assim como a contribuição psicanalítica de Lacan (2016).

Voltamos o olhar, nesses primeiros enlaces, a uma perspectiva educativa centrada na emancipação, na invenção, na incerteza e na palavra aberta. Educar, seja em espaços formais como não formais, diz sempre de uma aposta, de uma abertura inacabada a desnovelar percursos que são descobertos pelo ato mesmo da travessia. A formação, nessa dimensão analítica, diz respeito a um sair de si, isto é, a uma crise e uma ruptura, inaugurando saberes, ressignificando o mundo que até então era conhecido. É a partir dessa perspectiva libertadora, assim, que colocamos em cena a educação com as quais defendemos neste estudo. Lembramos, portanto, que a educação aqui não se trata de uma estrutura de controle do Estado e do mercado, como outrora já foi e, no entanto, ainda segue sendo e se ampliando hodiernamente.

É buscando fazer frente a concepções de educação autoritária que elucidamos, ainda nesse primeiro enlace analítico, as experiências de educadores insurgentes que, como aqui nomeamos, buscam andarilhar pela vida com os pés descalços pisando no chão. Por meio da coragem destes educadores do “contrafluxo”, isto é, que tomam nas mãos a educação pelas ruínas da sociedade, conjuramos a educação como aquela que reverbera uma prática de libertação, de democracia e de invenção de amanhã abertos e revolucionários. À luz de Paulo Freire (2021b), Carlos Rodrigues Brandão (2021b) e Walter Benjamin (1987a), reverberamos reminiscências das travessias de Janusz Korczak e de Simón Rodriguez, traduzindo o compromisso dos educadores com situações concretas de vida, uma vez em que sua ação e reflexão advém do ato de “encharcar-se” nas águas da realidade.

Um segundo traço busca trazer à tona a potência da juventude como força para advir o novo. Enlaçamos duas experiências que colocaram a educação em cena. Em um primeiro momento, evidenciamos a experiência que virou o mundo de ponta cabeça em termos de potência para mobilização da utopia e da revolução: o ano de 1968 e, mais especificamente, o maio francês. Colocamos em evidência a força da palavra por meio de um acontecimento protagonizado pela juventude estudantil, que, subvertendo as expectativas de um projeto claro e conciso, buscava um outro amanhã para educação e para sociedade sem, no entanto, apresentar qualquer imagem e/ou contorno desse movimento insurrecional: uma utopia a esburacar as lógicas instituídas.

Elucidamos também a experiência da juventude brasileira das ocupações escolares protagonizadas pelos secundaristas. Entre os anos de 2015 e 2016, todas as regiões do país tiveram escolas ocupadas, sendo este um movimento que fez evocar, pela voz dos jovens e dos jovens do Ensino Médio, uma educação que os ensinasse a pensar, e não a obedecer, como ressoavam os cartazes do movimento. Pela apropriação da escola como um legítimo direito, estudantes defenderam uma escola pública, gratuita e de qualidade, indo de encontro às políticas educacionais que estavam em andamento no Congresso brasileiro. Sustentadas, assim, pela resistência diante da repressão e das violências governamentais, as pautas estudantis extrapolaram os limites das ocupações, buscando a construção de uma nova sociedade: um princípio esperança.

O que tais experiências encharcadas pela potência da juventude são capazes de transmitir? A educação, pela alegria da juventude, não é aquela que se faz apenas pelos educadores na formalidade de uma sala de aula. Pelo contrário, ela é feita por todas e todos que se comprometem com uma práxis aberta, imbuída pelo desejo de criação de devires alargados e transformadores. Assim, trazer à tona a perspectiva juvenil é trazer à tona um contrafluxo a convocar a memória em ruína, que, na perspectiva benjaminiana, escova a história a contrapelo. Isso quer dizer que, mesmo através dos fragmentos negligenciados pelos poderes constituídos que atacam a educação como um direito, ainda restarão arestas para fazer irromper espaços vazios a reinventar a vida e as relações desejantes em uma dimensão fundamentalmente pública.

Diante de perspectivas políticas e educacionais que insistem em burocratizar a vida e o amanhã (SOUSA, 2008), assim, buscamos jogar luzes à utopia como uma força à fazer irromper outros horizontes possíveis à educação. É através desta via que ancoramos as linhas deste estudo: através de perspectivas educativas que reposicionam o desejo de utopia a despertar para os sonhos, para a capacidade de sonhar. Através de Ernst Bloch, Russel Jacoby, Fredric Jameson, Antonio Negri, Edson Luiz André de Sousa e Jacques Lacan, abre-se uma perspectiva utópica iconoclasta, ou seja, que não tem imagem prévia de um futuro, a não ser o desejo de vislumbrar outros amanhãs que tenham como força um princípio democrático a posicionar o sonho como um direito. Irrompe-se, portanto, a abertura para um devir educativo tão aberto e polissêmico quanto o próprio ato que inaugura sua criação.

Palavras-chave: educação; utopia; juventude; memória.

REFERÊNCIAS:

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas, volume II. Rua de mão única. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem**: educação democrática para um futuro humano. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. v. I, .

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A aventura do encontro**: escritos sobre o Outro e Eu. Curitiba: CRV, 2019. v. 3, .

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cerimônia de Abertura/Conferência de Abertura - “Educação como prática de Liberdade”: cartas da Amazônia para o mundo! [S. l.]: Youtube, 2021a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k1UyaUPI2Zk>. Acesso em: 6 jul. 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Minha casa, o mundo**. São Paulo: Ideias & Letras, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire**: tantos anos depois. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2021b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 68. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 6**: o desejo e sua interpretação. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SOUSA, Edson Luiz André de. A burocratização do amanhã: utopia e ato criativo. PORTO ARTE: **Revista de Artes Visuais**, v. 14, n. 24, 2008. DOI 10.22456/2179-8001.27933. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/27933>. Acesso em: 7 out. 2022.